

# Miséria aumenta doenças mentais

Simpósio discute as formas do atendimento nesta área da saúde

O alto índice de mortalidade infantil em Brasília e as péssimas condições de moradia e de vida das populações de baixa renda estão acentuando a demanda por assistência a pacientes mentais, segundo o presidente da Associação dos Psiquiatras do DF, Thales Weber Garcia. O atendimento na área de saúde mental, praticamente centralizado no Hospital de Pronto-Atendimento Psiquiátrico de Taguatinga, está sendo discutido em simpósio que deverá elaborar ainda um documento à Constituinte para que a nova Carta inclua direitos de cidadania do doente mental.

Para Thales Garcia, o quadro sócio-econômico do País reflete-se sobre o indivíduo que apresenta desajustes sociais, acrescentando que a saúde mental depende de alterações na estrutura social para a maior valorização do homem em detrimento dos bens de capital. Já o coordenador de saúde mental do DF e diretor técnico do HPAP, da Granja do Riacho Fundo, André Rangel, garante que o fato de Brasília ser um grande polo de migração desencadeia o surgimento de doenças psicosomáticas, neuroses e vícios, na medida em que o indivíduo vive um "clima de pseudo-autoridade na capital da República".

O HPAP, segundo Rangel, atende mensalmente 1 mil 200 pacientes, em sua maioria jovens alcoólatras. A ala feminina, conforme apresentou o psiquiatra aos 50 profissionais que participaram da abertura do simpósio ontem pela manhã, "é um túnel escuro enquanto que o indivíduo precisaria conviver com espaços abertos". Ele revelou ainda que é muito comum o aparecimento de pacientes sem identificação. Eles não têm documentos e os familiares se recusam a apresentar o nome.

Para André Rangel, o atendimento psiquiátrico em Brasília deveria ser, urgentemente, descentralizado. Ele defende a adoção de ações através de centros de saúde, com participação de voluntários da comunidade, e a

criação de unidades de psiquiatria e de psicologia em todos os hospitais gerais da Fundação Hospitalar. Hoje o HPAP praticamente centraliza o atendimento a toda a comunidade do Distrito Federal e Entorno, sem infra-estrutura para dar assistência à toda a demanda.

Com o objetivo de minimizar esta crescente demanda por assistência à doença mental, o HPAP está desenvolvendo ação no Centro de Saúde nº 1 do Gama, que poderá servir como referencial para a ampliação da atuação em todo o DF. Não há, no entanto, garantias de recursos da FHDF e do próprio Ministério da Saúde. Também a rede educacional, através das escolas da Fundação Educacional, poderão ser integradas a programas de saúde através da repressão ao consumo de drogas e da orientação e identificação de "potenciais doentes mentais", segundo Rangel.

O atendimento psiquiátrico em Brasília está restrito ao HPAP, unidade de psiquiatria do Hospital de Base, além de convênios da Fundação com o hospital São Miguel, em Luziânia, Casa de Repouso do Planalto em Planaltina, Sanatórios Espíritas de Brasília e Anápolis, e uma pequena unidade de psiquiatria no Hospital das Forças Armadas. O atendimento particular, apesar de ter-se proliferado, não chega a atingir as populações de baixa renda, em função dos elevados preços das consultas e dos tratamentos.

Na última década, segundo Garcia, houve uma queda na qualidade do atendimento psiquiátrico e na quantidade de leitos específicos para estes pacientes. Ele explica que esta deterioramento da assistência na área de doença mental resulta da falta de investimentos públicos, dos baixos salários pagos aos profissionais e da "confusa situação que vive o País atualmente, sem que haja valorização do homem enquanto indivíduo". Ele garante que grande parte da procura aos ambulatórios tem sua origem no "sofrimento social causado, por exemplo, pelo desemprego".